

Collor tenta atrair Fernando Henrique para vice

Etevaldo Dias

José Roberto Serra — 1/9/89

Gustavo Miranda — 25/8/89

BRASÍLIA — Encontros secretos, telefonemas, reuniões, vôos de *lear jets* entre Brasília e São Paulo marcam a agitada ofensiva do maior vitorioso na eleição do primeiro turno para presidente da República, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, em busca do apoio do PSDB, partido do candidato Mário Covas, quarto lugar na contagem dos votos. Na tarde de sexta-feira, Collor, segundo alguns de seus assessores, já admitia a possibilidade de trocar seu vice, Itamar Franco, pelo senador tucano Fernando Henrique Cardoso. Uma troca mais à procura de prestígio político que de votos. "Os votos do Covas virão naturalmente para mim, qualquer que seja o adversário, Lula ou Brizola. Eu preciso, agora, de *moldura* para a campanha", disse o candidato a um parlamentar. Com os *tucanos*, Collor entende que quebrará a enorme resistência das classes A e B à sua candidatura e conquistará um partido com quadros prontos para ajudá-lo a governar. O PSDB até a tarde de sábado não havia decidido seu apoio a nenhum dos candidatos.

A decisão de trocar de vice, entretanto, não tem a aprovação unânime dentro do *staff* da campanha do PRN. Collor pediu a seus assessores uma avaliação cuidadosa do assunto. Ele teme que tirando Itamar perca preciosos votos em Minas Gerais, onde é o primeiro colocado. "Minas pode se ofender e votar no adversário", disse.

A derrota de Itamar Franco em Juiz de Fora (MG), sua base política, ajuda na argumentação dos adeptos da troca. Ontem, o deputado Renan Calheiros, líder do PRN na Câmara, viajou para São Paulo onde, provavelmente, se encontraria com parlamentares do PSDB para negociar a aliança. Não há grandes obstáculos ao acordo porque uma das principais exigências dos *tucanos* para dar o apoio é que o candidato seja parlamentarista. Collor não só é parlamentarista como já se dispôs a fazer campanha em 1993 a favor deste sistema de governo no plebiscito previsto pela Constituição.

Máquina de moer — Só na última sexta-feira, montado numa diferença de 5 milhões de votos sobre o segundo lugar, Collor de Mello descontraíu-se e aceitou comemorar antecipadamente a vitória no primeiro turno. Naquela manhã, os boletins do TSE confirmavam o que se chamou de "fenômeno Collor". Ele estava em primeiro lugar em todas as regiões do país e nos estados mantinha-se em primeiro ou em segundo, sempre com votação expressiva.

Collor enfrentou ao longo da campanha, desde abril, quando alçou o primeiro lugar nas preferências dos eleitores, a mais contundente campanha de oposição jamais vista em eleições no Brasil. Começou a campanha com cem mil dólares em caixa e meia dúzia de assessores alagoanos. Na medida em que crescia na preferência dos eleitores, cresciam também os aliados. Veio Roberto Marinho com a Rede Globo, multidões de políticos e empresários, e com eles mais recursos para a campanha. Este apoio veio acompanhado de correspondente reação dos adversários.

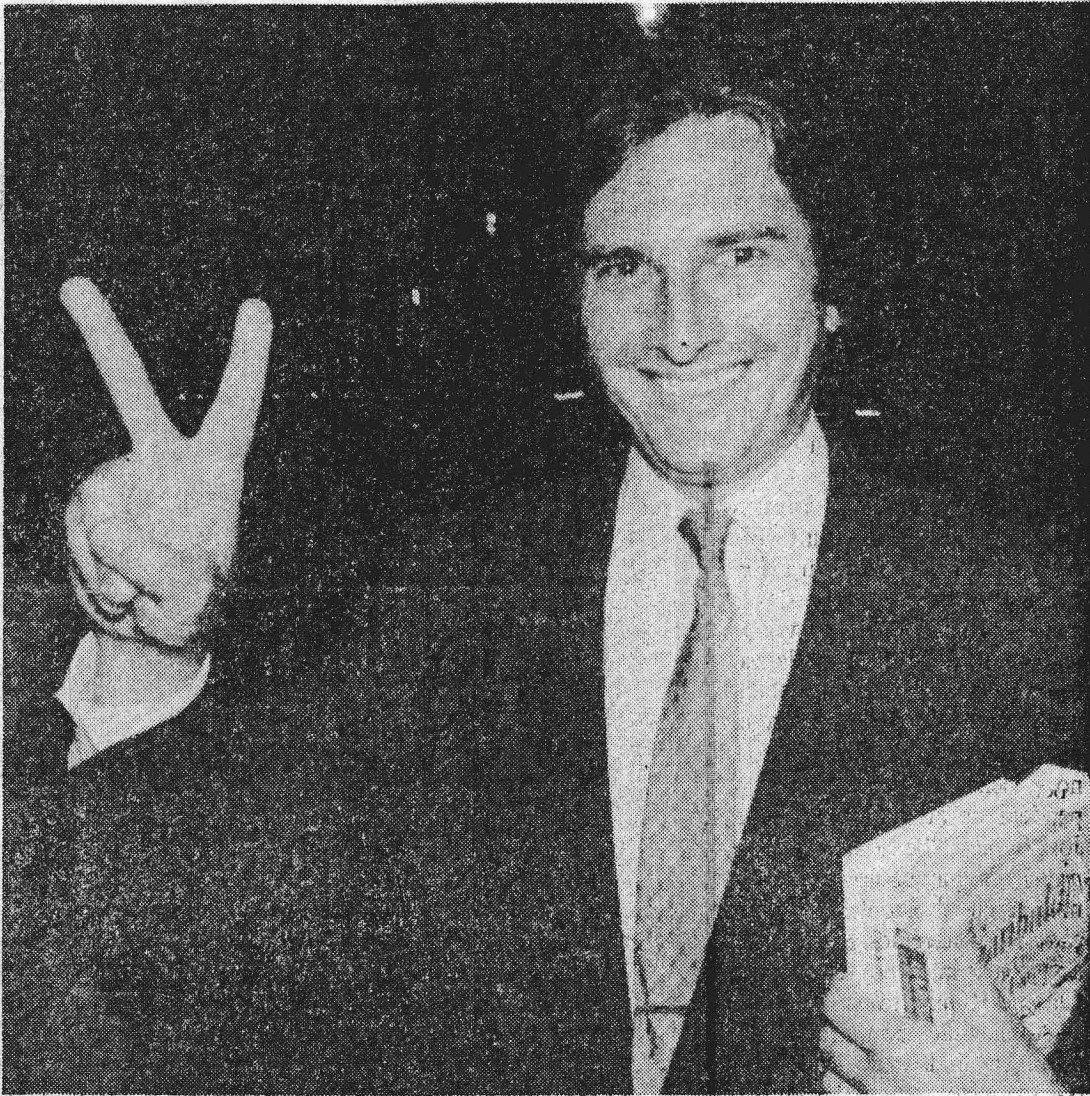
Fizeram de tudo contra Collor: espalharam boatos, intrigas, vasculharam seu passado inteiro. Em Brasília, seus adversários lançaram o boato de que Collor era tão temperamental que havia jogado um prato de macarrão na cara de uma empregada. Episódio que jamais existiu. O PDT chegou a contratar advogado para passar um pente fino no processo da morte da menina Ana Lúcia, torturada e morta em 1976, tentando envolvê-lo. Nada foi encontrado com referência a Collor neste episódio, apesar do esforço dos brizolistas. A última tentativa para atingi-lo pessoalmente foi disparada também pelo PDT.

O deputado Brandão Monteiro, com base em denúncia sem provas do jornalista Jorge de Oliveira, acusou Collor de envolvimento com um consumidor de cocaína por ter sido, quando governador, seu padrinho de casamento. A falsa denúncia não resistiu 24 horas. Collor havia sido padrinho do acusado dois anos antes de ele ter sido preso. O candidato passou incólume aos ataques dos adversários. Em comícios por todo o país, os adversários diziam que os alagoanos não gostavam do seu ex-governador. Para arrasar este último argumento, Collor obteve 55% dos votos no seu estado.

O assessor de imprensa de Collor de Mello, Cláudio Humberto Rosa e Silva, costuma dizer: "Passaram Collor de Mello duas vezes na máquina de moer carne, e ele saiu inteiro". O candidato sentiu muito ao longo da campanha os ataques pessoais. Toda a sua família foi atingida: mulher, ex-mulher, mãe e até parentes distantes. "Foi muito duro sofrer tantos ataques pessoais, mas o resultado das urnas mostra que o povo repudiou este tipo de *baixeza política*", desabafou Collor a um amigo na sexta-feira. "Nada colou contra ele" — constatou um influente deputado do PDT. O ex-deputado Cibília Viana, coordenador da campanha de Leonel Brizola, costumava dizer, durante a campanha: "Este moço é um leão. Quando a gente pensa que ele caiu, levanta com mais força".



Fernando Henrique recebe as mensagens trazidas por Zélia



Collor procura aliados que o livre da marca de candidato da direita